


“AMUADA E ORGULHOSA”: MULHERES CASADAS NA IMPrensa CATÓLICA PARAENSE

 10.5935/2177-6644.20210021


“POUTY AND PROUD”: MARRIED WOMEN
IN THE CATHOLIC PRESS IN PARÁ

“POUTY AND ORGULLOSA”: MUJERES
CASADAS EN LA PRENSA CATÓLICA EN
PARÁ

Flaviana Moraes Pantoja

 <https://orcid.org/0000-0001-8993-0519>

Izabel Cristine Silva dos Santos*

 <https://orcid.org/0000-0003-1596-426X>

Resumo: A partir dos conceitos de *Cultura e Representação* este estudo analisa as representações de papéis femininos na coluna *Figurinos de Senhora* de 1939, presente no periódico católico *A Palavra* de Belém do Pará. Além disso, evidenciaremos o gênero como categoria para analisarmos os artigos da referida coluna e apontarmos as diferenças entre homens e mulheres presentes nos argumentos do periódico.


Palavras-chave: Representação. Gênero. Mulheres. Imprensa.


Abstract: Based on the concepts of Culture and Representation, this study analyzes the representations of female roles in the column “Lady Costumes” from 1939, present in the Catholic periodical *A Palavra* de Belém do Pará. that column and we point out the differences between men and women present in the journal's arguments.

Key-words: Representation. Gender. Women. Press.

Resumen: A partir de los conceptos de Cultura y Representación, este estudio analiza las representaciones de los roles femeninos en la columna “Trajes de dama” de 1939, presente en la revista católica *A Palavra* de Belém do Pará. De esa columna y señalamos las diferencias entre hombres y mujeres presentes en los argumentos de la revista.

Palabras-clave: Representación. Gênero. Mujeres. Prensa.

* Doutoranda pelo Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora Colaboradora de História no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Professora/Tutora - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego e Técnico em Educação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  <http://lattes.cnpq.br/6208777886817443> - E-mail: fla.hist@gmail.com

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Graduada em História pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA).  <http://lattes.cnpq.br/1794585447218205> - E-mail: izabelcristinesilva29@gmail.com

Introdução

A História Cultural enquanto campo de estudo historiográfico tem suas contribuições mais evidentes a partir do século XX, tendo essas se tornado mais intensas ao final do mesmo século. O termo *Nova História Cultural* aqui utilizado, diferencia-se pela forma em que esta se dá através da “virada cultural”, momento em que os intelectuais da cultura se voltaram para fazer suas análises a partir de dimensões sociais em suas especificidades. Este campo propõe a ampliação de novos objetos e possibilita vislumbrar novas perspectivas dos estudos, contrariando a antiga concepção de cultura que era utilizada para discutir apenas aspectos estruturais da sociedade, uma vez que os historiadores ignoravam as manifestações culturais populares (CHARTIER, 2002). Desse modo, para fins de nosso debate, pretendemos utilizar os conceitos acerca de *Cultura e Representação* cunhados pelo historiador francês Roger Chartier, na tentativa de responder nossas questões propostas.

A partir da década de 1930, principalmente com a ascensão da *Escola dos Annales*, os historiadores buscaram, com o auxílio de outras disciplinas como a sociologia e a antropologia, as respostas para os novos objetos que surgiram para a escrita da História; neste sentido, ao lançarem-se para estes novos territórios, os historiadores puderam experimentar tratamento inéditos aos seus estudos. Coube, portanto, à História Cultural a partir deste momento compreender os vários significados das práticas cotidianas das épocas passadas (CHARTIER, 1990, p. 15). O diálogo com outras disciplinas possibilitou um alargamento metodológico para a História, deste modo, fontes documentais que antes eram desprezadas ou vistas com receio pelos historiadores foram reconsideradas, foi o caso dos documentos oriundos da imprensa.

Segundo Luca (2005), foi a partir dos anos de 1970 que os historiadores passaram a reconhecer as potencialidades dos periódicos como fonte para a escrita da História. Muito se deveu à concepção de documento como monumento, que afasta do historiador a possibilidade de cometer equívocos no trato com a imprensa. A autora também aponta que a imprensa periódica tornou-se a maior fonte de recursos da publicidade no início do século XX, que por sua vez, traz grande importância como fonte para a compreensão da paisagem urbana e das representações e idealizações sociais (LUCA, 2005, p. 111).

Nesse contexto de exploração do estudo da imprensa pela História, também insere-se o estudo das representações sociais que são o modo como em diferentes lugares e tempos a realidade social é construída por meio de classificações, divisões e delimitações e são expressas por discursos (CHARTIER, 1990). Pois como aponta Cruz:

Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (CRUZ, 2007, p. 258).

Obrigatoriamente o estudo da imprensa necessita de cuidados para que haja o bom uso de suas fontes, o estudo das *representações* proposto por Roger Chartier auxilia o historiador a lidar com as fontes oriundas dos periódicos, uma vez que se considera que não há necessariamente uma objetividade nas informações inseridas nos textos publicados pela imprensa. A interpretação daquilo que é publicado na imprensa é determinado por vários aspectos sociais, culturais, institucionais e econômicos. Por isso, Chartier afirma que:

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 23).

Seguindo a ideia do autor, a representação surge como campo de competições que influenciam nas relações de poder. Ou seja, podem ser estabelecidas representações antagônicas que se modificam ao longo dos anos, tendo seus sentidos alterados de acordo com os interesses sociais.

Isso significa que a representação pode ser analisada a partir do entendimento de que os objetos culturais estariam na posição de produtores e receptores de cultura, e estes circulariam entre essa base de práticas e representações, que, por sua vez, estão ligadas ao *modo de fazer e ao modo de ver*. Para Chartier as práticas culturais e as representações estão interligadas, pois a cultura é referente às relações sociais, os costumes, hábitos cotidianos, o modo como os indivíduos se relacionam e como enxergam o mundo, é isso que gera as representações que são relativas às práticas desses indivíduos (CHARTIER, 2002, p. 73).

Ressalta-se, portanto, que há uma pluralidade dos modos de emprego dos discursos e uma diversidade de leituras que devem ser evidenciadas, ou seja, é necessário compreender que os leitores de qualquer discurso são capazes de se apropriar deste e criar um novo a partir de seu mundo. Para Chartier o processo de apropriação se dá pela interpretação das práticas culturais, ou seja, compreender como através das práticas as sociedades constroem o mundo como representação, e por sua vez, são atribuídos novos significados ao mundo, a partir dessas representações, já que a cultura e os sentidos estão em constantes mudanças.

Assim, para que possamos realizar qualquer estudo dos discursos presentes na imprensa temos que considerar o expressado por Chartier, devendo o historiador ter as respostas para as seguintes questões sobre o periódico estudado: quem são os seus proprietários? Quando ele foi produzido? A qual público é direcionado? Quais seus objetivos e intenções? Como se constitui

enquanto força ativa no seu período de circulação? Como se constitui enquanto sujeito? Qual sua relação com as conjunturas de seu tempo e campos de atuação? Quais seus aliados e opositores?

Reitera-se que a partir do conceito de *representação* pretende-se estabelecer um estudo sobre o modo como os papéis de gênero feminino estavam dispostos na coluna *Figurinos de Senhora* de 1939, presente no periódico católico *A Palavra*, um expressivo jornal da cidade de Belém do século XX. Antes, porém, apresentaremos brevemente o periódico estudado e sua importância na construção de uma cultura católica em meio ao cotidiano paraense.

O jornal A Palavra: “Órgão dos interesses da sociedade e da família”

A imprensa católica no Pará estabelecia seus debates em nível nacional com jornalistas e demais colaboradores da chamada Boa Imprensa, no contexto do século XX se compreendia a imprensa como aliada na cristianização e evangelização da sociedade. Nesse aspecto, o jornal católico de influência barnabita: *A Palavra* se mostrou como um espaço em que a Igreja Católica poderia transparecer suas aprovações, desaprovações e desejos referentes ao comportamento da sociedade paraense por meio de narrativas com exemplos ou de artigos feitos pelos próprios padres e arcebispos com mandamentos voltados para o bem da família.

Sob as inscrições de Paulino de Brito e Alfredo Chaves, o periódico tinha em seu subtítulo: “órgão dos interesses da sociedade e da família”. Isso revela a intenção do jornal de não apenas se restringir aos católicos, mas extravasar para a sociedade e difundir os valores e ideais católicos romanos, tendo seu primeiro número publicado em 29 de julho de 1910 e circulou sob a responsabilidade da Arquidiocese de Belém, exceto em um período da década de 1940 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 240).

A identidade do *A Palavra* tem como elemento central sua vinculação com a missão da Igreja, se colocando à serviço da ordem, como estratégia de aproximação com o Estado, o jornal possuía um caráter moralizante e de combate às ideologias modernas, com o intuito de afirmar e difundir a mentalidade católica romanizada. Além dos artigos assinados pelos padres, anúncios e propagandas também estampavam as páginas do folhetim católico. Os anúncios feitos no jornal *A Palavra* eram de grande importância para sua manutenção, uma vez que a própria Igreja Católica deixava explícita a obrigação de seus fiéis em anunciar e comprar dos anunciantes do jornal.

Como aponta Vieira (2012), se analisarmos a materialidade do jornal *A Palavra* fica bem evidente que os anúncios eram importantes fontes de receita, pois das 4 páginas que era composto, apenas a primeira não tinha anúncios. A autora ressalta essa importância dos anúncios para a receita

do jornal, isto porque o próprio jornal deixava evidente uma obrigação dos católicos em “*anunciar n’ A Palavra, comprar só nas casas que anunciam n’ A Palavra*”:

Neste sentido os vínculos que ela [A Igreja] constrói com os anunciantes parecem ser mais fortes, pois transmite ao leitor uma obrigação moral de comprar nas casas comerciais que anunciam no jornal católico. Isto porque comprar em um comercial que anunciou na Palavra, significava contribuir para a manutenção da Boa Imprensa, que representava a defesa dos valores católicos. Em contrapartida comprar em uma casa comercial que não foi anunciada na Palavra, significava contribuir com a “má imprensa”, e, por conseguinte com a degeneração moral da sociedade (VIEIRA, 2012, p. 43).

Embora se buscasse financiamento por meios dos anúncios, havia dificuldades para financiar uma circulação do jornal por todo o Estado do Pará, contando ainda um grande número de analfabetos na população paraense. No entanto, Goudinho (2014) ressalta que “não se pode subestimar as estratégias do clero para a divulgação do periódico católico, que poderia ter suas notícias lidas ou comentadas pelos próprios párocos ou ainda pelos catequistas e demais líderes das diversas associações para leigos”.

Assim, percebemos que não somente os sermões e artigos dos jornais estavam preocupados em influenciar e difundir ideias entre os leitores, a existência dos anunciantes para o jornal também servia para propagar ideias de moralidade entre os seus fiéis leitores e conseqüentemente, construir discursos que certamente seriam refletidos na população. Percebemos *n’A Palavra* claramente a preocupação em manter as características da família tradicional paraense. Para exemplificar, em 1939 o jornal dedicou uma coluna chamada de *Figurinos de Senhora* para educar as leitoras casadas, onde era possível o reforço a ideia de autoridade do marido.

Uma questão de gênero *n’A Palavra*: a coluna “Figurinos de Senhora” de 1939

A coluna *Figurinos de Senhora* tinha um caráter pedagógico de ensinar valores edificantes aos seus leitores por meio dos textos publicados. Assim dava-se destaque a histórias que condenavam comportamentos das mulheres casadas da época, e ao final, buscava-se, com um sermão, mostrar o melhor modo de agir em sua vida de casada. A partir destas “lições” expostas pelo jornal podemos formular representações das senhoras da época, com base no que a Igreja julgava de acordo com seus princípios morais. Deste modo, ao reconhecermos que a imprensa, e não somente a católica, é produtora de múltiplas representações e práticas, que aspiram à universalidade, damos conta de que os discursos apresentados na coluna em destaque buscam a construção do cotidiano (CHARTIER, 1990).

Entretanto, antes de analisarmos a representação das mulheres na coluna, julgamos ser necessária uma discussão sobre a questão de gênero que será aqui apresentada. A definição mais usual

de gênero é a que considera este como uma categoria relacional, capaz de compreender os estudos sobre as relações sociais entre homens e mulheres. Deste modo, o termo gênero não deve ser tomado como sinônimo de “mulher”, e muito menos sinônimo de sexo, mas deve ser compreendido como uma forma de abordar as relações de poder existente entre os sexos e ainda, como estes se constroem culturalmente e socialmente.

No âmbito dos estudos historiográficos, existia a ideia de que as reflexões atendiam de forma “igual” os homens e as mulheres ou que a história dos homens servia para responder as questões correspondentes à história das mulheres. Cenário que se revelou falso, na medida em que a história das mulheres trouxe não apenas novos temas e abordagens para a pesquisa histórica, mas, sobretudo novas maneiras de pensar a história e de produzir Historiografia. É interessante explicar que nesse aspecto, não há uma divisão sobre a história das mulheres da história dos homens, mas a importância de dar as devidas ênfases às atuações das mulheres e como isso influencia o que conhecemos por processo histórico.

As discussões e definições sobre gênero elaboradas no pós-guerra têm suas raízes principalmente na afirmação de Simone de Beauvoir, que defende que “não se nasce mulher”, mas que o gênero é uma construção histórica. Deste modo, como aponta Donna Haraway: “Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta” (HARAWAY, 1988).

Cabe apontar as contribuições de Michel Foucault sobre as questões referentes ao sujeito e o poder, pois apesar de não ter se referido especificamente à questão do gênero, o autor lança uma problemática útil para as discussões da categoria. Para Foucault há um sistema/rede de relações de poder para além do Estado e a sociedade, o poder deve ser analisado como algo que funciona em cadeia (FOUCAULT, 1988). Assim, todos os indivíduos estão sempre em posição de desenvolver o poder. A inspiração dada por Foucault, permitiu a algumas teóricas do feminismo se basear no desconstrucionismo para refletir sobre problemáticas frequentes nos estudos dos femininos e das mulheres, bem como o aspecto de poder referente à utilização do binarismo homem/mulher. Além disso, seus escritos sobre sexualidade e questões referentes ao corpo também levaram à aproximação dos escritos feministas.

Por outro lado, para a cientista social Eleni Varikas – teórica dos estudos feministas que se vincula mais às abordagens marxianas – os termos que caracterizam frequentemente a história das mulheres (como femininos, corpo, etc.) possuem problemáticas postas a serem discutidas, distanciando-se das tentativas de justificar os estudos a partir de um caráter biológico que

condiciona a mulher à subalternidade. O que a autora considera como essencial e que consideramos relevante destacar em nosso estudo, é que apesar das discordâncias de abordagens entre teóricas que se identificam mais com o marxismo ou desconstrucionismo, é que ambas possuem o interesse de questionar “em que medida a história das mulheres se impôs” (VARIKAS, 1994, p. 64).

A nosso ver é partir disso que se torna possível estabelecer articulações sobre as formas que os estudos das/sobre mulheres e de gêneros podem ser conduzidos, o que também amplia as investigações acerca dessas categorias.

De acordo com Varikas, a noção simplista e descritiva como inicialmente gênero foi posto para pensar a história das mulheres não questionava ou contrariava os estudos fixos, presentes na história, para isso, seria preciso a conceitualização de *Gênero* (VARIKAS, 1994). O que a autora aponta nesse aspecto, é que a categoria *gênero*, seja na perspectiva da História Social ou na Desconstrucionista, possui aspecto decisivo para orientar os estudos e encontrar a solução para os problemas que marcavam a historiografia e principalmente, como a história das mulheres poderia transformar o *pensar e fazer histórico*, ampliando o que se conhecia por *feminino e masculino*. Isso mostra a relevância da categoria Gênero, que mesmo entre discordâncias de abordagens, consegue mobilizar as óticas sobre as sociedades.

Diante da questão de gênero apresentada, entendemos que ao analisar as fontes fornecidas pelo jornal *A Palavra* precisamos atentar para a questão relacional entre homens e mulheres e que não podemos tratar essas duas categorias isoladamente. Ressaltamos então a questão da produção dos artigos do jornal, que em 1939 é redigido e dirigido por homens religiosos ligados à Diocese de Belém. A coluna *Figurinos de Senhora*, escrita por esses homens, trazia em seus escritos instruções de interesse para homens e mulheres daquela época. Tais escritos, por sua vez, sugeriam comportamentos adequados ao matrimônio.

Com base no caráter relacional da categoria gênero, partimos para a análise da coluna em questão, atentando para a representação das mulheres casadas nos discursos do jornal católico e o seu empenho em destacar os estereótipos desejados para elas. Adiantamos que se percebe a intenção do periódico católico em dedicar os *Figurinos de Senhora* para educar as leitoras casadas em pró da autoridade do marido, e principalmente dentro das doutrinas consideradas cristãs e corretas.

No dia 06 de julho de 1939 a referida coluna traz o título *A amuada e orgulhosa* que descreve como exemplo uma mulher casada que fazia questão de mostrar sua falta de alegria deixando de lado o jeito doce e carismático, como veremos a seguir:

Amuada e Orgulhosa: Olhar indiferente, uma palavra com mais timbre, num gesto menos

amável e ei la de cara fechada para o marido. Toma ares de contemplativa, de preocupada. Ou então se offende e não sabe esquecer ‘aquillo’. Entretanto soube tão bem se esquecer de quanta amabilidade recebeu do marido até a data presente. Tem mania de contradizer; não concorda com ninguém e dá-se por offendida quando discordam della. Nota-te um principio leitora: de cem casos, mal paga a pena contradizer em dez. Podes expor teu pensamento com serena doçura. Mas foge de toda contradicção systematica. Não pretendas figurar entre aquellas que gostam de enfrentar o marido e ainda por cima se applaudem desse papel deselegante. O homem não pode gostar de uma companheira que para tudo tem uma objecção. Prefere aquella que está disposta a ver o mundo pelos olhos delle acatando-lhe as ideás para tornar completar a união dos espíritos. Para que divergir nos pontos em que Deus não reclama o contrário? (A PALAVRA, 1939, p. 01).

Nesta transcrição, vemos a representação do comportamento de uma mulher casada a ser criticado pela Igreja, represa partir dos escritos do articulista do jornal. As características “amuada e orgulhosa” não são desejadas, sugerindo que as mulheres deveriam sempre se mostrar amáveis e carinhosas diante de seus maridos, não podendo ainda deixar de lado sua humildade diante desses, os afrontando ou questionando suas ideias. Isso evidencia não só que o periódico considerava como adequado ao comportamento feminino, mas representa como as narrativas masculinas sobre as mulheres constituíam-se como base para moldar os femininos, muito comuns nas práticas sociais, principalmente no que diz respeito ao universo da escrita, naquele período.

Nota-se que o marido é o sujeito principal do casamento, cabendo à mulher “ver o mundo pelos olhos dele”. Cabendo à mulher a obediência, disposição aos desejos e ordens do esposo para manter o seu casamento saudável, sem expor os descontentamentos cotidianos que poderia ter. Outro ponto a ser observado é a linguagem persuasiva usada pelo jornal que ao dirigir-se para as suas leitoras, apresentando o exemplo da “má esposa” e pedindo que estas hajam de maneira totalmente diferente, demonstra o interesse no controle do comportamento feminino.

Com o título *A queixosa irascível* o jornal traz mais um *Figurino de Senhora* no dia 13 de julho de 1939, que por sua vez descreve a mulher que “ao lado do marido vive gemendo, queixando de saúde, dos filhos, dos fornecedores, do tempo da crise, das vizinhas, das empregadas e... de Deus.” (A PALAVRA, 1939, p. 01). Condena-se, dessa vez, a esposa que reclama e não está satisfeita com a vida que leva ao lado do marido, como também trata como “queixa” assuntos como filhos e saúde; uma vez que é responsabilidade da esposa manter o esposo longe desse tipo de preocupação. E assim:

E'errado queixar-se dos cuidados, das fadigas ou das privações. E' tortura para o marido que não pode mudar o estado das coisas. E' egoísmo também. Pois em geral elle com penoso trabalho procura o pão de cada dia para sua casa. *Teus*, leitora, são os cuidados de educadora e de dona da casa, aos quaes ajuntarás a preocupação de embellezar a vida terrestre para o esposo (A PALAVRA, 1939, p. 01).

Mais uma vez, é exposto que a mulher não deveria enfrentar o esposo. Ela, por mais que

estivesse com algum problema – ainda que de saúde- não deveria preocupar a cabeça do marido, que já fazia sua parte no casamento ao manter as necessidades da casa, expondo aqui a importância do papel de provedor dos maridos. As mulheres por sua vez deveriam preocupar-se em exercer o seu respectivo papel, o de “educadora e dona de casa”, não podendo elas jamais tornar a vida de seu esposo um transtorno e assim provocando brigas. O papel feminino, no entanto, era importante para a manutenção dos valores da sociedade na primeira metade do século XX. Eram as mulheres casadas as responsáveis pela educação dos filhos e a garantia de que estes seguiriam os valores cristãos. Ainda segundo o jornal:

Genio irascível é genio que martyrisa. Provoca brigas e vive como um vulcão, sempre fumegando. O Sabio diz que é preferível morar entre os leões ou ao relento, do que conviver com tal mulher. Facilmente a irascível é despótica. Quer que todo o mundo se dobre ao seu comando [...] (A PALAVRA, 1939, p. 01).

Ao final da década de 1930 a mudança de humor repentina era uma desvantagem para as mulheres casada daquele tempo. Desejava-se uma mulher alegre e sempre amável com seu marido, muito embora esperasse que ela também fosse rígida, mandona, mas com as empregadas domésticas ou com as filhas. Este artigo critica não apenas o ato de enfrentar o marido, mas indica não perturbá-lo com problemas entendidos como do “mundo doméstico”, do “mundo feminino”, com empregadas, vizinhas, filhos, casa, pois eram pensados como coisa menor, que cabia resolução pelas mulheres, os homens preocupados com o provimento do lar, com honra da família, com a política tinham coisas mais importantes para se preocupar. Tal perspectiva nos remete a pensar nas diferenças entre o ambiente público e o privado, cabendo às mulheres o espaço privado e aos homens, o espaço público.

Do mesmo modo, a coluna do jornal *A Palavra* traz a representação da mulher *despótica* em 20 de julho de 1939. Representada pelas piores características por reclamar, quando não aceita, quando demonstra que não está feliz:

A despótica é injusta e absurda nas suas resoluções e, por cima de tudo, teimosa. Quando, de facto lá uma vez ou outra tem razão, o marido nega-lhe essa victoria e os prejuízos são manifestos. Até extranhos podem ser testemunhas da arrogância da esposa que, perante elles, dá ordens, resiste, contradiz ao marido. Tal creatura não pode ser verdadeira esposa, porque desconhece todas as leis sociaes, naturaes e divinas a respeito de sua ‘nobre’ submissão ao esposo. ‘Pelas prendas do coração pelas graças do espírito, occuparás um logar que ninguem pretenderá disputar-te. Mas não disputes ao marido o posto que lhe cabe’ – aconselha madame Staffe (A PALAVRA, p. 01).

Percebemos que ao enriquecer seus argumentos com a expressão “leis sociais, naturais e divinas” o jornal expressa o que a sociedade, fortemente influenciada pela Igreja, acreditava e desejava quanto ao comportamento da mulher em matrimônio. No texto *Recônditos do Mundo*

Feminino, Maluff & Mott (1998) mostram que o Código Civil de 1916, através do Capítulo III Art. 242, ficava claro a submissão e a obediência da mulher casada ao marido. De fato, no artigo 242 desse código discrimina-se o que a mulher não podia fazer sem a autorização do marido. Um exemplo disso é que as mulheres, não poderiam “exercer função, nem aceitar ou rejeitar heranças” sem o consentimento do marido. Desse modo, vemos que a própria legislação colaborava para a ideia da “lei social, natural e divina” que valorizava, cobrava e incentivava a submissão das mulheres aos seus maridos.

Ao lado de uma legislação que apontava como deveria ser a conduta das mulheres casadas, a noção de submissão da mulher ao marido foi sempre marcante no jornal *A Palavra*. Desse modo, quando analisamos a coluna *Figurinos de Senhora* do ano de 1939, percebemos uma preocupação dos articulistas em apresentar conselhos que levariam a mulher a respeitar o marido, expondo também a preocupação com a manutenção dos valores e padrões sociais da época. Assim, ainda que a esposa fosse considerada a “Rainha do Lar” seu papel era o de obedecer. Desse modo, conforme enfatizam Maluf & Mott (1998), “marido e mulher tinham atribuições complementares, mas, em nenhum momento, igualdade de direitos”.

A partir coluna do jornal *A Palavra* percebermos o perfil da mulher casada desejado pela sociedade paraense do final da década de 1930, além disso, ao descrever as atitudes femininas condenadas pela sociedade paraense, tais textos nos permitem deduzir que mesmo em meio aos padrões “naturais, sociais e divinos” existiam mulheres capazes de fazer o contrário do que lhes era esperado. A existência da descrição das “orgulhosas, queixosas e despóticas” sugere a existência de mulheres que talvez não seguissem os valores que lhes eram impostos. Nota-se, portanto, que o periódico dedicava-se em manter as características da sociedade, que certamente passava por grandes alterações devido o advento da modernidade.

O jornal *A Palavra* em edição de 29 de julho de 1939, também condenou o hábito de algumas mulheres de comentarem “os defeitos físicos, os hábitos singulares do companheiro [...] os fracassos” (A PALAVRA, 1939, p. 1). De maneira alguma os defeitos do marido deveriam ser questionados, muito menos tratados com humor ou ironia pelas esposas. Para ser “A Rainha do Lar” e ter um casamento para vida toda, conforme sugere o periódico em edição de 13 de fevereiro de 1941, a esposa deveria se submeter ao marido e não detinha o direito a reclamações, ela apenas teria que fazer o seu papel de esposa para “quando o pai de família voltar a tarde, cansado, com as mãos calejadas e encontrar a casa asseada alegre e agradável; encontrar a esposa sorridente e atenciosa, rodeada de filhos que correm ao encontro do pai” (A PALAVRA, 1941, p. 4).

Ao longo do tempo deram-se significados diversos ao casamento, no final dos anos trinta e início dos quarenta percebe-se por meio das recomendações do jornal *A Palavra*, a importância do casamento para a sociedade paraense, dada a preocupação dos articulistas em moldar o comportamento de mulheres casadas ou que desejam o matrimônio. Nesse sentido, cabe ressaltar que, de acordo com Cristina Cancela (2008) em Belém na primeira metade do século XX, o matrimônio era uma referência importante na representação social e era por muitos homens e mulheres paraenses um ideal a ser alcançado. Entretanto, percebemos ainda a importância do matrimônio dada pela Igreja para a manutenção dos valores e doutrinas, e para isso, a dedicação em reparar os “desvios” no comportamento das senhoras era de extrema importância, sendo o periódico *A Palavra* um instrumento grande aliado na luta contra os costumes da modernidade.

Considerações Finais

Ao longo dessas páginas destacamos como o jornal *A Palavra* trazia representações sobre as mulheres casadas em suas páginas, especificamente na coluna *Figurinos de Senhora*. Assim, podemos destacar os comportamentos desejados e cobrados às senhoras que seguiam a doutrina cristã da Igreja Católica e por sua vez eram leitoras do periódico católico.

Ser mulher casada e católica na primeira metade do século XX em Belém, mas em muitas regiões brasileiras, também significava a restrição ao espaço privado, e a exclusiva dedicação para a família. Era seu dever da esposa manter os filhos na doutrina católica, era, portanto, responsabilidade das mães caso algo indesejado acontecesse na vida dos filhos.

Por meio dos artigos apresentados expusemos críticas e conselhos severos que contribuíram para que as mulheres se mantivessem obedientes aos seus maridos. Ainda que estes tivessem os mais variados defeitos, as esposas deveriam sempre ser amorosas e carinhosas, prontas para dedicar-se integralmente ao marido, aos filhos e ao lar. As esposas eram as “rainhas do lar”, mas este lar seguia regras onde o marido era o principal sujeito do casamento, conforme nos sugeriu os artigos da coluna. Deste modo, os papéis masculinos e femininos poderiam evidenciar complementariedade, mas nunca igualdade, haja vista a submissão das mulheres a seus esposos dentro do espaço do lar.

Referências

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras: catálogo**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985, p. 240.

CANCELA, Cristina Donza. Destino cor-de-rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (Belém 1870-1920). **Cadernos Pagu**, v. 30, p. 301-328, 2008.

CHARTIER, Roger. **Por uma sociologia histórica das práticas culturais**. In: A História Cultural: entre práticas e Representações. Lisboa: Difel. 1990.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patricia Chittoni. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, n. 35. 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOUDINHO, Liliane do Socorro Cavalcante. **A Palavra que vivifica e salva contra o mal da palavra que mata: Imprensa católica- Belém (1910-1930)**. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, 2014.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, 2014.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Coord.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando (Org.). **História da vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu**, n. 3, 1994, p. 63-84.

VIEIRA, Elis Regina Corrêa. **A Palavra e a construção de uma identidade para imprensa e o jornalista católico (1917 -1923)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém: Universidade Federal do Pará - UFPA, 2012.

Fontes documentais

A PALAVRA. Belém, 06 de julho de 1939. Figurinos de Senhoras: “**Amuada e orgulhosa**”, p. 1.

A PALAVRA. Belém, 13 de julho de 1939. Figurinos de Senhoras: “**A queixosa irascível**”, p. 1.

A PALAVRA. Belém, 20 de julho de 1939. Figurinos de Senhoras: “**A despótica**”, p. 1.

A PALAVRA. Belém, 29 de julho de 1939. Figurinos de Senhoras: “**A caçoista**”.

A PALAVRA. Belém, 13 de fevereiro de 1941. Figurinos de Senhoras: **Para uma família**, p. 4.

BRASIL, Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916. **Código Civil dos Estados Unidos Do Brasil: Capítulo III – Dos direitos e deveres das mulheres: Art. 242**. Rio de Janeiro: Presidência da

República (Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos). Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm.

Recebido em: 27 de setembro de 2021.

Aprovado em: 02 de novembro de 2021.